

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

Resistências de sujeitas leitoras/esritoras em *Profundaças*

Vitória Cazumbá Azevedo¹; Carla Luzia Carneiro Borges²;

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: cazumbavic199@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carlaluziacb@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Modalidades enunciativas, resistências, Profundaças.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos as principais análises desenvolvidas na pesquisa de Iniciação Científica “Modos de dizer e ser leitoras/esritoras em *Profundaças*”, como resultado do mapeamento das modalidades do saber/poder em práticas de leitura no âmbito da antologia literária e fotográfica *Profundaças* que se trata de um projeto alternativo de difusão literária que se soma a outras ações que dão visibilidade a vozes dissidentes no cânone literário, discutindo os modos de escrever das escritoras e poetisas presentes na antologia. Tem como objetivo primordial abordar uma escrita de si que acusa a inserção/iniciação de uma literatura escrita por mulheres que nunca publicaram no campo literário. Com esta análise, refletimos sobre os discursos/saberes agenciados que constituem novas subjetividades e resistências a partir da leitura. Com base nas modalidades enunciativas apresentadas por Michel Foucault n’ A Arqueologia do saber (1969), especificamente no capítulo “A formação das modalidades enunciativas” e no conceito de resistência presente na arqueogenealogia do mesmo autor (1971) investigamos a formas de constituição das sujeitas leitoras e escritoras do projeto *Profundaças*, respondendo às perguntas feitas por Foucault “Quem fala e Quem lê?”; “Quem autoriza a fala dessas mulheres escritoras?”; “De que lugar institucional essas mulheres obtêm seus discursos?”. Ampliamos a análise com o conceito de “Escrita de si” (1992), também de Foucault e na noção de “Escrevivência” de Conceição Evaristo, por tratarmos de subjetividades de escritoras negras e neste caso LGBTQ+. Para com os estudos acerca da antologia *Profundaças*, utilizamos o texto ‘Irmandades pelo grito’(GALDINO,2017).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Desenvolvemos, nesta pesquisa, uma cartografia das práticas de leituras e análise dos dados na antologia *Profundaças*, através de duas perguntas-base: a) quais as discursividades/positividades que se instauram a partir dos modos como o saber se apresenta em práticas sociais de leituras produzidas por mulheres hoje? b) Como ler pelo

viés arqueológico: ler (n)as descontinuidades os enunciados produzidos na literatura dessas mulheres?

O método arqueológico usado foi o arqueológico, desenvolvido por Michel Foucault, aqui considerado um método de “leitura da sociedade”, que foi utilizado, como base para o material escrito produzido, a saber a produção literária do Projeto Profundações, disponível na página do grupo, contribuindo para novas práticas de leitura na sociedade. Bem como, realizamos uma entrevista de forma remota com às sujeitas escritoras participantes do projeto; procedemos à análise do material da antologia, textos e imagens, na perspectiva de leitura foucaultiana.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

“Quem fala” em *Profundações*?

As vozes de *Profundações* são de sujeitas produtoras de literatura, aquelas fora do contexto canônico. Mulheres pós-feministas, terceiro-mundistas, em sua maioria nordestinas e inéditas, que enfrentam a excludência do campo editorial, o racismo, o sexismo, as misoginias, o machismo e as mais diversas formas de exclusão atribuídas à nossa existência e corpos pela sociedade patriarcal, branca, colonialista que fomentam lugares sociais considerados cabíveis para cada indivíduo de acordo com normas ocidentais e europeias que se constituem a partir de silenciamentos e invisibilidades.

Na academia, nas publicações, nas editoras, como escritoras, poetisas, construtoras de teorias, de novos pensamentos a fim da transformação dos espaços machistas, demarcados somente para o homem branco e elitizado, mulheres lésbicas, transexuais, nordestinas, negras, gordas foram interceptadas por diferenciações nas avenidas identitárias que excluem identidades negras e diversas formas do ser feminino, ocupando por meio de transgressões o mercado editorial que diz não comportar publicações de poesias, principalmente, escritas por mulheres.

A Escrita de si como Escrivência das Mulheres negras em Profundações

No conceito de *Escrivência* (2017), cunhado por Conceição Evaristo, que em seus romances conta nossas histórias, nossas vivências como sujeitas negras numa sociedade patriarcal, racista, brancocêntrica e heteronormativa, que desde o período colonial faz uso da nossa existência, dos nossos corpos anulando nossas subjetividades, referindo-se a nós como incubadoras para novos escravos frutos do estupro, na contemporaneidade, a passista do carnaval, a doméstica, a “boa de cama”, atribuindo a nós um cunho sexual e subserviente.

Mulheres negras, LGBTQI's, periféricas, nordestinas, são demasiadamente reduzidas aos estereótipos atribuídos aos seus corpos, excluídas por conta do machismo, do sexismo e do racismo institucional que o Estado e as branquitudes hegemônicas reservam as suas existências as impedindo desta maneira de emergirem no mercado editorial. Desta forma, *A Escrita de si*, como método-genealógico de subjetivação, possibilita que a mulher negra que escreve em *Profundações* diga a verdade sobre si, com palavras de zelo e de estímulo para a construção da aceitação do seu sujeito através de sua escrita, buscando a

identificação da sua identidade enquanto escreve suas vivências, estreitando uma relação com o cuidado de si, como forma de conhecer a si mesmo enquanto escreve. Conforme Foucault, na obra *O que é um autor?* (1969), escrever para si e também para outrem, é uma forma de autocuidado e de cuidado para com o outro desde que a escrevivência do autor é uma prática de meditação, de autoconhecimento, e para com o leitor, uma forma de tomar conhecimento das vivências, das experiências, de outros conhecimentos, como forma preponderante de enxergar sua própria existência pelo olhar das experiências de outrem.

Profundanças é um claro e raro exemplo de escrevivências daquelas que foram invisibilizadas e excluídas do cânone literário, aquele que agrega um sistema de valores, modelos, regras das produções literárias representadas pela imagem do poeta, europeu, sendo deveras um espaço autêntico de lugar de fala para estas escritoras negras presentes especialmente na segunda edição do projeto, um lugar de enunciação para poesias dissidentes, antirracistas, revolucionárias necessárias para a rasura e ruptura do ambiente literário colonizador, portanto, racista.



Imagem: <http://voaudiovisual.com.br/projects/profundancias/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Utilizando uma plataforma *online*, as apresentadas edições de *Profundanças*, são insubordinações de vozes insubmissas, aquelas como vontade de emergir num mundo de opressão patriarcal que desde sempre criou subterfúgios para nos silenciar, nos excluir como forma de manter nossos corpos e vozes subalternas às manobras do machismo milenar e de múltiplas faces. Estas sujeitas escritoras através de suas escritas e da imagética de seus corpos refletem sobre temas pertinentes ao chamado movimento feminista pós-moderno, suas insurgências e subjetividades enquanto sujeitas numa sociedade heteropatriarcal, propondo uma perspectiva discordante das verdades absolutas do cânone literário, rasurando-as de forma transgressora, entendendo que essas formas de transgressão são formas de inserção de mulheres escritoras no mercado editorial que não comporta a venda de livros de poesia, rompendo as tradições de modelos literários a serem

publicados, criando lugares de fala para ingressarem e permanecerem nos espaços editoriais, fazendo escrituras para abrir os olhos da sociedade patriarcal e heteronormativa para perspectivas de outras vivências, essas de mulheres negras, transexuais, lésbicas, nordestinas, não-binárias, que nos emprestaram suas vozes através de *Profundações* para fortalecer as resistências dos mais diversos feminismos. Apesar disso, Daniela Galdino enfatiza:

“Nossos corpos inflados por outras lutas, outros sonhos em balões que nos antecederam. E dessa maneira escrevemos, criamos narrativas visuais de autorrepresentações quando, indiretamente, desejamos que outros aqui se reconheçam. E que nos reconheçamos nas re-existências de quem também está sob a mira do ódio, do aniquilamento e do desencanto.” (GALDINO, 2017).

REFERÊNCIAS

GALDINO, D. **Irmandades pelo grito**. In: Daniela Galdino. (Org.). *Profundações 2*. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2017. p. 07.

EVARISTO, C. **“Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face”**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis — Vozes. Lisboa — Centro do Livro. Brasileiro, 1972

FOUCAULT, M. **“Escrita de si”**. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Ed. Veja 2009.